

# BODAS DE SANGUE

Tragédia em três atos e sete quadros

## PERSONAGENS

Mãe

Noiva

Sogra

Mulher de Leonardo

Criada

Vizinha

Moças

Leonardo

Noivo

Pai da noiva

Lua

Morte (como Mendiga)

Lenhadores

Rapazes

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

*Sala pintada de amarelo*

NOIVO – (*entra*) Mãe.

MÃE – O quê?

NOIVO – Já vou.

MÃE – Aonde?

NOIVO – Ao vinhedo (*vai sair*)

MÃE – Espere.

NOIVO – Quer alguma coisa?

MÃE – Filho, o almoço.

NOIVO – Não precisa. Vou comer uvas. Me dá a navalha.

MÃE – Para que?

NOIVO – (*ri*) Para cortar.

MÃE – (*entredentes, a buscar a navalha*) A navalha, a navalha... Malditas sejam todas e maldito quem inventou.

NOIVO – Vamos mudar de assunto.

MÃE – E as escopetas e as pistolas e a faca mais pequena e até as enxadas e os rastelos da roça.

NOIVO – Bom.

MÃE – Tudo o que pode cortar o corpo de um homem. Homem bonito, com sua flor na boca, que sai para os vinhedos ou vai para os seus próprios olivais, porque são dele, herdados...

NOIVO – (*baixa a cabeça*) Não fale nisso.

MÃE – ... e esse homem não volta. Ou se volta, é para que se ponha em cima dele uma folha de palma ou um prato de sal grosso para que não inche. Não sei como você se atreve a levar uma navalha em teu corpo, nem como eu deixo a serpente dentro da arca.

NOIVO – Já basta, não?

MÃE – Cem anos viva eu e não falarei de outra coisa. Primeiro, teu pai que me cheirava como um cravo e que eu só desfrutei três curtos anos. Depois, teu irmão. E é justo? E pode ser uma coisa dessas tão pequena

como uma pistola ou uma navalha, acabar com um homem que é um touro? Não calarei nunca. Passam os meses e o desespero continua me picando os olhos até a ponta dos cabelos.

NOIVO – (*forte*) Vamos parar?

MÃE – Não. Não vamos parar. Pode alguém me trazer de volta o teu pai? E o teu irmão? E depois o presídio. O que é o presídio? Lá comem, fumam, tocam instrumentos. Meus mortos cheios de ervas, sem falar, viraram pó, dois homens que eram dois gerânios... Os matadores, no presídio, tranquilos, vendo os montes...

NOIVO – A senhora quer eu vá e mate eles?

MÃE – Não... Se falo é porque... Como não falar, filho, te vendo sair assim por essa porta? Não gosto que leve navalha. Não queria... Não queria que fosse para o campo.

NOIVO – (*ri*) Ora!

MÃE – Queria que fosse uma mulher, assim não ia para o rio agora e bordaríamos juntas sanefas e cachorrinhos de lã.

NOIVO – (*pega um braço da Mãe e ri*) Mãe, e se eu te levasse comigo para o vinhedo?

MÃE – O que uma velha vai fazer no vinhedo? Você ia me enfiar debaixo das ramas?

NOIVO – (*carrega a Mãe*) Velha, revelha, requetevelha.

MÃE – Teu pai, sim, me levava com ele. E isso era certo. Sangue. Teu avô deixou um filho em cada esquina. Isso é que eu gosto. Os homens, homens. O trigo, trigo.

NOIVO – E eu, mãe?

MÃE – Você o quê?

NOIVO – Preciso dizer outra vez?

MÃE – Ah!

NOIVO – Acha ruim?

MÃE – Não.

NOIVO – Então?...

MÃE – Eu mesma não sei. Assim, de repente, sempre me pega de surpresa. Sei que a moça é boa. Verdade, não é? Comportada. Amassa seu pão, costura suas saias e, mesmo assim, quando falo nela sinto como se me dessem uma pedrada na testa.

NOIVO – Bobagem.

MÃE – Mais que bobagem. É que vou ficar sozinha. Já me resta só você e sinto que vá embora.

NOIVO – Mas você vai com a gente.

MÃE – Não. Eu não posso deixar seu pai e seu irmão sozinhos aqui. Tenho que ir toda manhã e se for embora, é capaz de morrer um dos Félix, um da família dos matadores e enterrarem ao lado deles. E isso não! Ah! Isso é que não! Porque desenterro com as unhas e sozinha esmago contra a parede.

NOIVA – (*forte*) Outra vez isso.

MÃE – Perdão. (*pausa*) Quanto tempo faz que está com ela?

NOIVO – Três anos. Já consegui comprar o vinhedo.

MÃE – Três anos. Ela teve um noivo, não?

NOIVO – Não sei. Acho que não. As moças precisam olhar com quem casam.

MÃE – Sei. Eu não olhei para ninguém. Olhei seu pai e quando mataram ele fiquei olhando a parede em frente. Uma mulher com um homem e pronto.

NOIVO – A senhora sabe que minha noiva é boa.

MÃE – Não duvido. De qualquer jeito, sinto não saber como era a mãe dela.

NOIVO – O que interessa?

MÃE – (*olha para ele*) Filho.

NOIVO – O que a senhora quer dizer?

MÃE – Que é verdade! Que você tem razão! Quando quer que eu faça o pedido?

NOIVO – (*alegre*) Acha que no domingo está bom?

MÃE – (*séria*) Vou levar para ela os pingentes dourados, que são antigos, e você compra para ela...

NOIVO – A senhora entende mais...

MÃE – Você compra para ela umas meias rendadas e para você dois ternos... Três! Porque só tenho você!

NOIVO – Já vou. Amanhã vou encontrar com ela.

MÃE – Claro, claro, e veja se me alegra com seis netos, ou quantos você quiser, já que seu pai não teve chance de fazer tantos comigo.

NOIVO – O primeiro para a senhora.

MÃE – Certo, mas que haja meninas. Porque eu quero bordar e fazer renda e ficar tranquila.

NOIVO – Tenho certeza que vai gostar da minha noiva.

MÃE – Vou gostar. (*vai beijá-lo, mas recua*) Anda, já está muito grande para beijos. Beijos você dá em sua esposa. (*pausa, à parte*) Quando ela for isso.

NOIVO – Já vou.

MÃE – Roce bem a parte do moinho que está descuidada.

NOIVO – Certo!

MÃE – Vá com Deus. (*sai o Noivo. A Mãe fica sentada de costas para a porta. Uma Vizinha aparece na porta, de roupa escura e lenço na cabeça.*)

VIZINHA – Como vai?

MÃE – Como você vê.

VIZINHA – Desci até a loja e vim te ver. Vivemos tão longe!

MÃE – Faz vinte anos que não subo até o fim da rua.

VIZINHA – Você está bem.

MÃE – Acha?

VIZINHA – Coisas acontecem. Dois dias atrás, trouxeram o filho da minha vizinha com os braços cortados pela máquina. (*senta-se*)

MÃE – O Rafael?

VIZINHA – Ele. E lá está ele. Às vezes, penso que o seu filho e o meu estão melhor onde estão, dormindo, descansando, e não expostos a ficar inutilizados.

MÃE – Calada. Isso tudo é invenção, mas não consola.

VIZINHA – Ai!

MÃE – Ai! (*pausa*)

VIZINHA – (*triste*) E teu filho?

MÃE – Saiu.

VIZINHA – Afinal comprou o vinhedo!

MÃE – Teve sorte.

VIZINHA – Agora ele casa.

MÃE – (*como se despertasse, aproxima a cadeira da Vizinha*) Escute.

VIZINHA – (*em tom confidencial*) Diga.

MÃE – Você conhece a noiva do meu filho?

VIZINHA – Boa moça!

MÃE – É, mas...

VIZINHA – Mas não tem ninguém que conheça a moça a fundo. Vive sozinha com o pai, lá, tão longe, a dez léguas da casa mais próxima. Mas é boa. Acostumada com a solidão.

MÃE – E a mãe dela?

VIZINHA – A mãe eu conheci. Bonita. O rosto dela brilhava como de um santo, mas nunca gostei dela. Ela não gostava do marido.

MÃE – (*intensa*) Quanta coisa você sabe dos outros!

VIZINHA – Desculpe. Não quis ofender, mas é verdade. Agora, se era decente ou não, ninguém fala. Não se fala disso. Ela era orgulhosa.

MÃE – Sempre a mesma coisa!

VIZINHA – Você me perguntou,

MÃE – É que eu queria que ninguém conhecesse nem a viva, nem a morta. Que fossem como dois cardos, de que ninguém fala, mas picam quando chega a hora.

VIZINHA – Tem razão. Teu filho vale muito.

MÃE – Vale. Por isso cuido dele. Me disseram que a moça teve um noivo faz tempo.

VIZINHA – Tinha quinze anos. Ele casou já faz dois anos com uma prima dela, claro. Ninguém lembra do noivado.

MÃE – Como você lembra?

VIZINHA – Você faz cada pergunta!

MÃE – Todo mundo gosta de saber do que lhe dói. Quem era o noivo?

VIZINHA – O Leonardo.

MÃE – Qual Leonardo?

VIZINHA – O Leonardo dos Félix.

MÃE – (*levanta-se*) Dos Félix!

VIZINHA – Mulher, que culpa tem o Leonardo? Ele tinha oito anos quando aconteceram os problemas.

MÃE – É verdade... Mas escuto o nome Félix e volta tudo (*entredentes*) Félix que me enche a boca de limo (*cospe*) e tenho de cuspir, tenho de cuspir para não matar.

VIZINHA – Controle-se. O que você ganha com isso?  
MÃE – Nada. Mas você entende.  
VIZINHA – Não se oponha à felicidade do seu filho. Não diga nada para ele. Você está velha. Eu também. O que toca a mim e a você é calar.  
MÃE – Não vou dizer nada.  
VIZINHA – *(dá-lhe um beijo)* Nada.  
MÃE – *(serena)* As coisas...  
VIZINHA – Já vou, porque logo o meu pessoal chega do campo.  
MÃE – Viu que dia quente?  
VIZINHA – Os meninos que levam água para os ceifadores estavam negros. Adeus, mulher.  
MÃE – Adeus.

*A Mãe se dirige à porta da esquerda. No meio do caminho se detém, e faz o sinal da cruz.*

CORTINA

SEGUNDO QUADRO

*Sala pintada de rosa, com vasos de cobre e ramos de flores populares. No centro, uma mesa com toalha. É de manhã.*

*A Sogra de Leonardo, nina um menino em seus braços. A Mulher, no outro canto, faz tricô.*

SOGRA – Nana, nenê, nana  
que o cavalo grande  
não quis a água.  
A água era negra  
dentro dos ramos.  
Quando chega à ponte  
se detém e canta.  
Quem dirá, meu menino,  
o que tem a água,  
com sua longa cauda

por sua verde sala?

MUHER – (*baixo*) Dorme, cravo,  
porque o cavalo não quer beber.

SOGRA – Dorme, roseiral,  
que o cavalo se põe a chorar.  
As patas feridas,  
a crina gelada,  
dentro dos olhos  
um punhal de prata.  
Desciam ao rio.  
Ai, como desciam!  
O sangue corria  
mais forte que a água.

MULHER – Dorme, cravo,  
que o cavalo não quer beber.

SOGRA – Dorme, roseiral,  
que o cavalo se põe a chorar.

MULHER – Não quis tocar na margem molhada,  
O seu beijo quente  
com moscas de prata.  
Aos montes duros  
apenas relinchava  
com o rio morto  
sobre a garganta.  
Ai, cavalo grande  
que não quis a água!  
Ai, dor de neve,  
cavalo do alvorecer!

SOGRA – Não venha! Fique,  
feche a janela  
com ramos de sonhos  
e sonho de ramos.

MULHER – Meu menino dorme.

SOGRA – Meu menino cala.

MULHER – Cavalo, menino,  
tem um travesseiro.

SOGRA – Seu berço de aço.

MULHER – Sua colcha de linho.

SOGRA – Nana, menino, nana.

MULHER – Ai, o cavalo grande não quis a água!

SOBRA – Não venha, não entre!  
Vai para a montanha,  
Pelos vales cinzentos  
onde a égua está.

MULHER – (*olhando*) Meu menino dorme.

SOGRA – Meu menino descansa.

MULHER – (*baixinho*) Dorme, cravo,  
que o cavalo não quer beber.

SOGRA – (*levanta-se e muito baixinho*) Dorme, roseiral,  
que o cavalo se põe a chorar.

*Leva o menino. Leonardo entra.*

LEONARDO – E o menino?

MULHER – Dormiu.

LEONARDO – Ontem ele não passou bem. Chorou de noite.

MULHER – (*alegre*) Hoje está como uma dália. E você? Foi até a casa do ferreiro?

LEONARDO – Estou vindo de lá. Acredita? Há mais de dois meses ponho ferraduras novas no cavalo e sempre caem. Pelo visto, as pedras arrancam.

MULHER – Será que você não usa demais o cavalo?

LEONARDO – Não. Quase não uso.

MULHER – As vizinhas disseram que ontem te viram na beira da planície.

LEONARDO – Quem disse?

MULHER – As mulheres que colhem alcaparras. Claro que foi surpresa para mim.  
Era você?

LEONARDO – Não. O que eu iria fazer lá, naquela secura?

MULHER – Foi o que eu disse. Mas o cavalo estava coberto de suor.

LEONARDO – Você viu?

MULHER – Não. Minha mãe.

LEONARDO – Ela está com o menino?

MULHER – Está. Quer uma limonada?

LEONARDO – Com água bem fria;

MULHER – Por que não veio almoçar?

LEONARDO – Estava com os medidores do trigo. Sempre divertidos.

MULHER – *(faz a limonada, muito terna)* E pagam bem?

LEONARDO – O justo.

MULHER – Estou preciso de um vestido e o menino um gorro com laços.

LEONARDO – *(levanta-se)* Vou dar uma olhada.

MULHER – Tome cuidado, ele está dormindo.

SOGRA – *(entra)* Nas quem é que dá essas carreiras com o cavalo? Está lá embaixo, estendido, com os olhos arregalados como se chegasse do fim do mundo.

LEONARDO – *(seco)* Eu.

SOGRA – Desculpe. É seu.

MULHER – *(tímida)* Ele esteve com os medidores do trigo.

SOGRA – Por mim, que se danem. *(senta-se. Pausa.)*

MULHER – A limonada. Está fria?

LEONARDO – Está.

MULHER – Sabe que vão pedir a minha prima?

LEONARDO – Quando?

MULHER – Amanhã. O casamento será daqui a um mês. Espero que venham nos convidar.

LEONARDO – *(sério)* Não sei.

SOGRA – Acho que a mãe dele não estava satisfeita com o casamento.

LEONARDO – E talvez tenha razão. Precisa ter cuidado com ela.

MULHER – Não gosto que você pense mal de uma boa moça.

SOGRA – *(insinuante)* Mas quando ele diz isso é porque conhece a moça. Não sabe que foi noiva dele durante três anos?

LEONARDO – Mas eu deixei ela. *(para sua Mulher)* Vai chorar agora? Pare! *(afasta bruscamente as mãos dela do rosto)* Vamos ver o menino.

*Saem abraçados. Entra a Moça, alegre. Entra correndo.*

MOÇA – Dona.  
SOGRA – O que foi?  
MOÇA – O noivo chegou na loja e comprou tudo o que havia de melhor.  
SOGRA – Veio sozinho?  
MOÇA – Não, com a mãe. Séria, alta. (*imita*) Mas que luxo!  
SOGRA – Eles têm dinheiro.  
MOÇA – E compraram umas meias rendadas! Ai, que meias! Meias que são o sonho das mulheres! Veja a senhora, uma andorinha aqui (*aponta o tornozelo*), um barco aqui (*aponta a panturrilha*) e aqui uma rosa (*aponta a coxa*).  
SOGRA – Menina!  
MOÇA – Uma rosa com as sementes e o caule! Ai! Tudo de seda!  
SOGRA – Vão juntar dois bons capitais.

*Entram Leonardo e sua Mulher.*

MOÇA – Vim contar o que estão comprando.  
LEONARDO – (*forte*) Não interessa.  
MULHER – Deixe a menina.  
SOGRA – Leonardo, não é para tanto.  
MOÇA – O senhor desculpe. (*sai chorando*)  
SOGRA – Que necessidade você tem de ficar mal com as pessoas?  
LEONARDO – Não pedi sua opinião. (*senta-se*)  
SOGRA – Tá bom. (*pausa*)  
MULHER – (*para Leonardo*) O que você tem? Que ideia está rolando na sua cabeça?  
Não me deixe sem saber de nada...  
LEONARDO – Quieta.  
MULHER – Não. Quero que olha para mim e me diga.  
LEONARDO – Me deixe. (*levanta-se*)  
MULHER – Aonde vai, filho?  
LEONARDO – (*seco*) Pode calar a boca?  
SOGRA – (*enérgica, para sua filha*) Cale-se! (*Leonardo sai*) O menino!

*Sai e volta com ele nos braços. A Mulher ficou em pé, imóvel.*

As patas feridas,  
a crina gelada,  
dentro dos olhos  
um punhal de prata.  
Desceram ao rio.  
Ai, como desceram!  
O sangue corria  
mais forte que a água.

MULHER – (*volta-se lentamente como se sonhando*) Dorme, cravo,  
que o cavalo se põe a beber.

SOGRA – Dorme, roseiral  
que o cavalo se põe a chorar.

MULHER – Nana, menino, nana.

SOGRA – Ai, cavalo grande  
que não quis a água!

MULHER – (*dramática*) Não venha, não entre!  
Vá para a montanha!  
Ai, dor de neve,  
cavalo do alvorecer!

SOGRA – (*chora*) Meu menino dorme...

MULHER – (*chora e se aproxima lentamente*)  
Meu menino, descanse...

SOGRA – Durma, cravo,  
que o cavalo não quer beber.

MULHER – (*chora e se apoia na mesa*) Durma, roseiral,  
que o cavalo se põe a chorar.

*Cortina*

TERCEIRO QUADRO

*Interior da gruta onde mora a Noiva. Ao fundo, uma cruz de grandes flores rosadas. As portas em arco com cortinas de renda e laços rosa. Nas paredes, de material branco e duro, leques redondos, jarras azuis e pequenos espelhos.*

CRIADA – Entrem... *(muito afável, cheia de hipocrisia humilde).*

*Entram o Noivo e sua Mãe. Ela vestida de cetim preto e com mantilha de renda. O Noivo, de veludo preto, com grande corrente de ouro.*

CRIADA – Querem sentar? Eles já vêm. *(sai)*

*A Mãe e o filho ficam sentados, imóveis como estátuas. Longa pausa.*

MÃE – Está com o relógio?

NOIVO – Estou. *(tira-o e olha)*

MÃE – Temos de voltar a tempo. Que longe mora essa gente!

NOIVO – Mas estas terras são boas.

MÃE – Boas, mas muito isoladas. Quatro horas de estrada e nem uma casa, nem uma árvore.

NOIVO – É a região da secura.

MÃE – Teu pai teria enchido de árvores.

NOIVO – Sem água?

MÃE – Teria procurado. Nos três anos que estive casado comigo plantou dez louros-cerejos. *(relembra)* As três nogueiras do moinho, um vinhedo inteiro e uma planta que se chama Júpiter, que dá flores vermelhas e secou. *(pausa)*

NOIVO – Ela deve estar se vestindo.

*Entra o Pai da Noiva. É velho, cabelo branco reluzente. Está com a cabeça inclinada. A Mãe e o Noivo se levantam e apertam-se as mãos em silêncio.*

PAI – Muito tempo de viagem?

MÃE – Quatro horas. *(sentam-se)*

PAI – Vieram pelo caminho mais comprido.

MÃE – Eu estou velha para andar pelas beiras do rio.  
NOIVO – Ela fica enjoada. (*pausa*)  
PAI – Boa colheita de esparto.  
NOIVO – Boa mesmo.  
PAI – No meu tempo, esta terra não dava nem esparto. Foi preciso castigar e até prantear a terra para nos desse alguma coisa proveitosa.  
MÃE – Mas agora dá. Não se queixe. Não vim te pedir nada.  
PAI – (*sorri*) Você é mais rica que eu. Os vinhedos valem um capital. Cada rama uma moeda de prata. O que eu sinto é que as terras... entende?... estejam separadas. Eu gosto de tudo junto. Tem um espinho no meu coração e é a hortinha que existe no meio das minhas terras e que não querem me vender nem por todo ouro do mundo.  
NOIVO – Isso sempre acontece.  
PAI – Se desse para umas vinte parcelas de bois trazerem seus vinhedos para cá para pôr na ladeira, que alegria!...  
MÃE – Para quê?  
PAI – O que é meu é dela e o que é seu é dele. Por isso. Para ver tudo junto, que junto é uma beleza!  
NOIVO – E seria menos trabalho.  
MÃE – Quando eu morrer, você vende aquilo e compra aqui ao lado.  
PAI – Vender, vender! Bah! comprar, filha, comprar tudo. Se eu tivesse tido filhos teria comprado todo este monte até a parte do ribeirão. Porque não é terra boa, mas com braços ela fica boa e como não passa ninguém, nem roubam os frutos, dá para dormir tranquilo.

*Pausa.*

MÃE – Você sabe a que eu vim.  
PAI – Sei.  
MÃE – E então?  
PAI – Me parece bem. Eles se acertaram.  
MÃE – Meu filho tem posses e pode.  
PAI – Minha filha também.

MÃE – Meu filho é bonito. Não conheceu mulher. A honra mais limpa que um lençol ao sol.

PAI – O que posso dizer da minha? Ela faz o pão às três da manhã, quando ainda brilha a estrela. Não fala nunca; suave como lã, borda todo tipo de bordado e é capaz de cortar uma corda com os dentes.

MÃE – Deus abençoe a sua casa.

PAI – Deus te ouça.

*Entra a Criada com duas bandejas. Uma com copos, a outra com doces.*

MÃE – *(para o filho)* Quando quer o casamento?

NOIVO – Quinta feira que vem.

PAI – Dia em que ela completa vinte e dois anos.

MÃE – Vinte e dois anos! É a idade que teria meu filho mais velho, se estivesse vivo. Vivo, quente e macho como era, se os homens não tivessem inventado as navalhas.

PAI – Não se deve pensar nisso.

MÃE – A cada minuto essa mão toca meu peito.

PAI – Então, quinta feira. É isso?

NOIVO – É isso.

PAI – Os noivos e nós vamos de charrete até a igreja que fica muito longe e o acompanhamento nas carroças e nas montarias que tragam.

MÃE – Combinado.

*A Criada passa.*

PAI – Diga que ela já pode entrar. *(para a Mãe)* Ficarei muito contente que goste dela.

*Entra a Noiva. As mãos pendentes em atitude modesta e a cabeça baixa.*

MÃE – Chegue mais perto. Está contente?

NOIVA – Sim, senhora.

PAI – Não fique assim tão séria. Ao fim e ao cabo ela vai ser sua mãe.

NOIVA – Estou contente. Quando disse sim foi porque eu quis.  
MÃE – Naturalmente. *(toca seu queixo)* Olhe para mim.  
PAI – Parece em tudo com minha mulher.  
MÃE – É? Que lindo olhar! Sabe o que é casar, criatura?  
NOIVA – *(séria)* Sei.  
MÃE – Um homem, uns filhos e uma parede de duas varas de grossura para todo o resto.  
NOIVO – Falta alguma coisa ainda?  
MÃE – Não. Viva para todos. Isso! Viva!  
NOIVA – Eu vou saber cumprir.  
MÃE – Aqui tem uns presentes.  
NOIVA – Obrigada.  
PAI – Tomamos alguma coisa?  
MÃE – Eu não quero. *(para o Noivo)* E você?  
PAI – *(para o Noivo)* Vinho?  
MÃE – Ele nem prova.  
PAI – Melhor!

*Pausa. Estão todos em pé.*

NOIVO – *(para a Noiva)* Eu venho amanhã.  
NOIVA – Que hora?  
NOIVO – Às cinco.  
NOIVA – Te espero.  
NOIVO – Quando fico longe de você sinto um vazio grande e assim como um nó na garganta.  
NOIVA – Quando for meu marido, nas vai sentir mais.  
NOIVO – É o que eu digo.  
MÃE – Vamos. O sol nos espera. *(para o Pai)* Tudo acertado?  
PAI – Tudo.  
MÃE – *(para a Criada)* Adeus, mulher.  
CRIADA – Vão com Deus.

*A Mãe beija a noiva e são saindo em silêncio.*

MÃE – *(na porta)* Adeus, filha. *(a Noiva responde com a mão.)*

PAI – Saio com vocês. *(saem)*

CRIADA – Estou louca para ver os presentes.

NOIVA – *(seca)* Sai.

CRIADA – Ai, menina, me mostre.

NOIVA – Não quero.

CRIADA – Nem as meias. Dizem que são todas rendadas. Mulher!

NOIVA – Ei, não!

CRIADA – Meu Deus. Tá bom. Parece que nem tem vontade de casar.

NOIVA – *(morde a mão, com raiva)* Ah!

CRIADA – Menina, filha, o que foi? Não quer deixar a sua vida de rainha? Não pense em coisas tristes. Tem motivo? Nenhum. Vamos ver os presentes. *(pega a caixa)*

NOIVA – *(agarra-a pelos pulsos)* Solta.

CRIADA – Ai, mulher!

NOIVA – Solta, eu falei.

CRIADA – Você tem mais força que um homem.

NOIVA – Pois não fiz trabalho de homem? Quem dera fosse!

CRIADA – Não fale assim!

NOIVA – Cale a boca, eu disse. Vamos falar de outra coisa.

*A luz vai caindo na cena. Longa pausa.*

CRIADA – Você ouviu um cavalo de noite?

NOIVA – Que hora?

CRIADA – Às três.

NOIVA – Devia ser um cavalo que escapou da manada.

CRIADA – Não. Tinha cavaleiro.

NOIVA – Como você sabe?

CRIADA – Porque eu vi. Estava parado na sua janela. Fiquei muito chocada.

NOIVA – Devia ser meu noivo. Às vezes, ele passa a essa hora.

CRIADA – Não.

NOIVA – Você viu quem era?

CRIADA – Vi.

NOIVA – Quem era?

CRIADA – Era o Leonardo.

NOIVA – (*forte*) Mentira! Mentira! Por que viria aqui?

CRIADA – Veio.

NOIVA – Cale a boca! Maldita seja tua língua! (*ouve-se ruído de cavalo*)

CRIADA – (*à janela*) Olhe, espie. Era?

NOIVA – Era!

*Cortina rápida.*

FIM DO PRIMEIRO ATO

## SEGUNDO ATO

### PRIMEIRO QUADRO

*Entrada da casa da Noiva. Portão ao fundo. É noite. A Noiva entra de anágua branca engomada, cheia de rendas e bordas bordadas e corpete branco com os braços nus. A Criada vestida da mesma forma.*

CRIADA – Acabo de te pentear aqui.

NOIVA – Não dá para ficar dentro com o calor.

CRIADA – Nesta terra não refresca nem ao amanhecer.

*A Noiva senta-se numa cadeira baixa e olha-se num espelhinho de mão. A Criada a penteia.*

NOIVA – Minha mãe era de um lugar onde havia muitas árvores. De terra rica.

CRIADA – Como ela era alegre!

NOIVA – Mas se consumiu aqui.

CRIADA – O destino.

NOIVA – Como nos consumimos todas. As paredes soltam fogo. Ai! não puxe tanto.

CRIADA – É para arrumar melhor esta onda. Quero que caia na testa. *(A Noiva se olha no espelho)* Que linda você está. Ai! *(beija-a apaixonadamente)*

NOIVA – *(séria)* Continue penteando.

CRIADA – *(penteando)* Sorte sua que vai abraçar um homem, beijar, sentir o peso dele!

NOIVA – Calada.

CRIADA – E o melhor é quando você desperta e sente ele do seu lado, e a respiração dele roça o seu ombro, como uma pena de rouxinol.

NOIVA – *(forte)* Quer ficar quieta?

CRIADA – Mas, menina! Um casamento o que é: Casamento é isso e mais nada. São os doces? São os buquês de flor? Não. É uma cama reluzente, um homem e uma mulher.

NOIVA – Não se deve falar disso.

CRIADA – Aí já é outra coisa. Mas é bem alegre!

NOIVA – Ou bem amarga.

CRIADA – A flor de laranjeira eu vou pôr daqui até aqui, de um jeito que a grinalda brilhe por cima do penteado. (*experimenta um ramo de flor de laranjeira*)

NOIVA – (*olha-se no espelho*) Me dê. (*pega as flores de laranjeira, olha e pende a cabeça, abatida*).

CRIADA – Que é isso?

NOIVA – Me deixe.

CRIADA – Não é hora de ficar triste. (*animada*) Me dá a grinalda. (*a Noiva joga a tiara*) Está pedindo castigo jogando a grinalda no chão? Levante a cabeça! Você não quer casar? Diga. Ainda dá tempo de se arrepender. (*levanta-se*)

NOIVA – É uma sombra. Um sopro ruim no coração. Quem não tem?

CRIADA – Você ama o seu noivo?

NOIVA – Amo.

CRIADA – Claro, claro, tenho certeza.

NOIVA – Mas é um passo muito grande.

CRIADA – Que tem que dar.

NOIVA – Já me comprometi.

CRIADA – Vou pôr a grinalda.

NOIVA – (*senta-se*) Depressa, já devem estar chegando.

CRIADA – Todo mundo vai levar pelo menos duas horas de estrada.

NOIVA – Quanto é daqui até a igreja?

CRIADA – Cinco léguas pelo ribeirão, porque pela estrada é o dobro. (*a Noiva se levanta e a Criada se entusiasma ao vê-la*)

Desperte a noiva  
na manhã das bodas.  
Que os rios do mundo  
levem sua grinalda!

NOIVA – (*sorridente*) Vamos.

CRIADA – (*beija-a entusiasmada e dança a seu redor*)

Que desperte com o ramo verde  
do loureiro florido.  
Que desperte

pelo tronco e rama  
dos loureiros!

*Ouvem-se batidas na porta.*

NOIVA – Abra! Devem ser os primeiros convidados. (*Sai.*)

CRIADA – (*ela abre a porta e se surpreende*) Você?

LEONARDO – Eu. Bom dia.

CRIADA – O primeiro!

LEONARDO – Não me convidaram?

CRIADA – Convidaram, sim.

LEONARDO – Por isso eu vim.

CRIADA – E sua mulher?

LEONARDO – Eu vim a cavalo. Ela está chegando pela estrada.

CRIADA – Não encontrou com ninguém?

LEONARDO – Passei por eles com o cavalo.

CRIADA – Vai matar o animal de tanta correria.

LEONARDO – Quando morrer, morreu! (*pausa*)

CRIADA – Sente. Ninguém levantou ainda.

LEONARDO – E a noiva?

CRIADA – Vou pôr o vestido nela.

LEONARDO – A noiva! Deve estar contente!

CRIADA – (*muda de assunto*) E o menino?

LEONARDO – Qual?

CRIADA – Seu filho.

LEONARDO – (*se lembra, sonolento*) Ah!

CRIADA – Vão trazer?

LEONARDO – Não.

*Pausa. Vozes cantam muito longe.*

VOZES – Desperte a noiva  
na manhã das bodas!

LEONARDO – Desperte a noiva,

na manhã das bodas.

CRIADA – É o pessoal. Ainda estão longe.

LEONARDO – (*levanta-se*) A noiva vai usar uma grinalda grande, não? Não devia ser tão grande. Um pouco menor ia cair melhor nela. E o noivo já trouxe a flor de laranjeira que se tem de pôr no peito?

NOIVA – (*aparece ainda de anágua e com a grinalda de flor de laranjeira*) Trouxe, sim.

CRIADA – (*forte*) Não saia assim.

NOIVA – Que importância tem? (*séria*) Por que pergunta se trouxeram a flor de laranjeira? Alguma intenção?

LEONARDO – Nenhuma. Que intenção eu podia ter? (*aproxima-se*) Você, que me conhece, sabe disso. Diga. Quem fui eu para você? Abra e refresque sua memória. Mas dois bois e uma choça ruim são quase nada. Esse é o espinho.

NOIVA – Por que veio?

LEONARDO – Para ver seu casamento.

NOIVA – Eu também vi o seu.

LEONARDO – Amarrado por você, feito com as duas mãos. Podem me matar, mas não me humilhar. E a prata, que tanto brilha, às vezes humilha.

NOIVA – Mentira!

LEONARDO – Não quero falar, porque sou homem de sangue e não quero que todos esses morros escutem meus gritos.

NOIVA – Os meus seriam mais fortes.

CRIADA – Essa conversa não pode continuar. Você não tem de falar do que aconteceu. (*ela olha as portas, com inquietação*)

NOIVA – Tem razão. Eu não devo nem falar com você. Mas me aquece a alma você vir me ver, assistir meu casamento e perguntar da flor de laranjeira. Saia e espere sua mulher na porta.

LEONARDO – Você e eu não podemos nos falar?

CRIADA – (*com raiva*) Não. Não, não podem falar.

LEONARDO – Depois do meu casamento, pensei noite e dia de quem era a culpa e cada vez que penso, vem uma culpa nova e come a outra, mas culpa sempre tem!

NOIVA – Um homem com seu cavalo sabe muito e pode muito para oprimir uma moça enfiada num deserto. Mas eu tenho orgulho. Por isso me caso. E vou me fechar com meu marido, que tenho de amar acima de tudo.

LEONARDO – O orgulho não vai te servir de nada. (*aproxima-se*)

NOIVA – Não chegue perto!

LEONARDO – Calar e queimar-se é o castigo maior que podemos atrair para nós mesmos. De que me serviu o orgulho e não olhar para você e te deixar acordada noites e noites? De nada! Serviu para me cobrir de fogo! Porque você acredita que o tempo cura, que as paredes tapam, e não é verdade, não é verdade! Quando as coisas chegam até lá dentro, não há quem arranque!

NOIVA – (*tremendo*) Não posso te ouvir. Não posso ouvir sua voz. É como se eu bebesse uma garrafa de anis e dormisse em uma colcha de rosas. Me arrasta, e sei que vou me afogar, mas vou atrás.

CRIADA – (*agarra Leonardo pela lapela*) Tem de ir embora agora mesmo!

LEONARDO – É a última vez que vou falar com ela. Não tenha medo.

NOIVA – E sei que estou louca e sei que meu peito apodrece por aguentar e aqui estou, quieta, para te ouvir, para ver você menear os braços

LEONARDO – Não fico tranquilo se não te disser essas coisas. Eu me casei. Case você agora.

CRIADA – (*para Leonardo*) E se casa!

VOZES – (*cantam mais perto*)

Desperte a noiva  
na manhã das bodas.

NOIVA – Desperte a noiva! (*sai correndo para seu quarto*)

CRIADA – O pessoal já está chegando. (*para Leonardo*) Nunca mais chegue perto dela.

LEONARDO – Não se preocupe.

*Sai pela esquerda. Começa a clarear o dia.*

MOÇA 1 – (*entra*) Desperte a noiva  
na manhã das bodas.

que rode a ronda  
e em cada sacada uma coroa.

VOZES – Desperte a noiva!

CRIADA – (*animando*) Que desperte  
com o ramo verde  
do loureiro florido.  
Que desperte  
pelo tronco e a rama  
dos loureiros!

MOÇA 2 – (*entra*) Que desperte  
com o cabelo comprido,  
vestida de neve,  
botas de verniz e prata  
e jasmims na testa.

CRIADA – Ai, pastora,  
que já surge a lua!

MOÇA 1 – Ai, galante,  
deixa teu chapéu no oliveiral!

RAPAZ 1 – (*entra com o chapéu no alto*) Desperte a noiva  
que pelos campos vêm  
rodando as bodas,  
com bandeja de dalias  
e pães de glória.

VOZES – Desperte a noiva!

MOÇA 2 – A noiva  
pôs a sua branca grinalda,  
e o noivo  
a prende com laços de ouro.

CRIADA – Pelo campo de melissa  
a noiva não pode dormir.

MOÇA 3 – (*entra*) Pelo laranjal  
o noivo oferece talha e colher.

*Entram três convidados.*

RAPAZ 1 – Desperta, pomba!  
O alvorecer revela  
campânulas de sombra.

CONVIDADO – A noiva, a branca noiva,  
hoje donzela,  
amanhã senhora.

MOÇA 1 – Desce, morena,  
arrastando a cauda de seda.

CONVIDADO – Desce, moreninha,  
que chove orvalho na fria manhã.

RAPAZ 1 – Desperta, senhora, desperta,  
porque chovem no ar flores de laranjeira.

CRIADA – Quero bordar-te uma árvore  
cheia de fitas grená  
e em cada fita um amor  
com vivos ao redor.

VOZES – Desperte a noiva.

RAPAZ 1 – A manhã das bodas!

CONVIDADO – Na manhã das bodas  
que bela vais estar;  
pareces, flor dos montes,  
a mulher de um capitão.

PAI – (*entra*) A mulher de um capitão  
é o que leva noivo.  
Já vem com seus bois buscar o tesouro!

MOÇA 3 – O noivo  
parece a flor do ouro.  
Quando caminha,  
as cravinas se juntam a seus pés.

CRIADA – Ai, minha menina abençoada!

RAPAZ 2 – Que desperte a noiva.

CRIADA – Ai, minha bela!

MOÇA 1 – As bodas chamam

pelas janelas.

- MOÇA 2 – Que venha a noiva!  
CRIADA – Toquem e repiquem  
os sinos!  
RAPAZ 1 – Aí vem ela! Está saindo!  
CRIADA – Como um touro, as bodas  
estão se levantando!

*A Noiva aparece com um vestido negro dos anos mil e novecentos, com anquinha e cauda comprida, rodeada por gazes plissadas e rendas duras. Sobre o penteado, leva a grinalda de flor de laranjeira. Soam violões. As Moças beijam a Noiva.*

- MOÇA 1 – Que perfume pôs no cabelo?  
NOIVA – (ri) Nenhum.  
MOÇA 2 – (olha o vestido) Esse tecido não existe.  
RAPAZ 1 – Aqui está o noivo!  
MOÇA 1 – (põe-lhe uma flor na orelha) O noivo  
parece a flor do ouro.  
MOÇA 2 – Ares de sossego,  
manam de seus olhos!

*O Noivo se dirige para o lado da Noiva.*

- NOIVA – Por que pôs esse sapato?  
NOIVO – É mais alegre que o preto.  
MULHER DE LEONARDO – (entra e beija a Noiva) Saúde!

*Falam todas em algazarra.*

- LEONARDO – (entra como quem cumpre um dever) Na manhã de casada  
te coroamos com a grinalda.  
MULHER – Para que o campo se alegre  
com a água de teu cabelo!  
MÃE – (para o Pai) Esses também estão aqui?

PAI – São família. Hoje é dia de perdões!  
MÃE – Me controlo, mas não perdoou.  
NOIVO – Te ver com a grinalda da alegria!  
NOIVA – Vamos logo para a igreja!  
NOIVO – Está com pressa?  
NOIVA – Estou. Quero ser sua mulher, ficar sozinha com você e não ouvir outra voz senão a sua.  
NOIVA – Também quero isso”  
NOIVO – E não ver mais que os teus olhos. E que me abrace tão forte que mesmo que minha mãe me chame, ela que está morta, não conseguiria me afastar de você.  
NOIVO – Eu tenho força nos braços. Vou te abraçar quarenta anos seguidos.  
NOIVA – (*dramática, pega o braço dele*) Vamos logo! Pegar as cavalgadas e os carros! Porque o sol já saiu!  
MÃE – Tomem cuidado! Que não aconteça nada de ruim.

*Abre-se o grande portão do fundo. Começam a sair:*

CRIADA – (*chora*) Ao sair de sua casa,  
branca donzela,  
lembre-se que sai  
como uma estrela  
MOÇA 1 – Limpa de corpo e de roupa  
ao sair de sua casa para as bodas.

*Vão saindo.*

MOÇA 2 – E sai de sua casa  
para a igreja!  
CRIADA – O ar espalha flores  
pelas areias!  
MOÇA 3 – Ai! A branca menina!  
CRIADA – Ar escuro é a renda de sua mantilha.

*Saem. Ouvem-se violões, tamborins e pandeiros. Leonardo e a Mulher ficam sozinhos.*

MULHER – Vamos.

LEONARDO – Aonde?

MULHER – Para a igreja. Mas não vá a cavalo, venha comigo.

LEONARDO – Na carroça!

MULHER – E tem outra coisa?

LEONARDO – Não sou homem de andar de carroça.

MULHER – E eu não sou mulher para ir sem marido num casamento. Eu não aguento mais!

LEONARDO – Nem eu!

MULHER – Por que me olha assim? Tem um espinho em cada olho.

LEONARDO – Vamos!

MULHER – Não sei o que está acontecendo. Mas penso e não quero pensar. Uma coisa eu sei. Eu já não conto mais. Mas tenho um filho. E outro a caminho. Vamos andando. O mesmo destino teve a minha mãe. Mas daqui não saio.

*Vozes fora.*

VOZES – Ao sair de sua casa  
para igreja,  
lembre-se que sai  
como uma estrela!

MULHER – (*chora*) Lembre-se que sai,  
como uma estrela!  
Eu também sai assim da minha casa. E me cabia o campo todo na boca.

LEONARDO – (*levanta-se*) Vamos.

MULHER – Mas junto comigo!

LEONARDO – Tá bem. (*pausa*) Vá andando! (*saem*)

VOZES – Ao sair de sua casa  
para a igreja  
lembre-se que sai

como uma estrela.

*Cortina lenta.*

SEGUNDO QUADRO

*Exterior da gruta da Noiva. Tonalidades de branco acinzentado e azuis frios. Grandes figueiras-da Índia. Tons sombrios e prateados. Panoramas de planícies cor de biscoito, tudo endurecido como paisagem de cerâmica popular.*

CRIADA – (*arruma em uma mesa copos e bandejas*)

Girava,  
girava a roda  
e a água passava.  
Como chega o cortejo  
que se abram os ramos  
e a lua se adorne  
em sua branca varanda.

*(em voz alta)*

Estenda as toalhas!

*(em voz patética)*

Cantavam,  
cantavam os noivos  
e a água passava.  
Como chega o cortejo  
que brilhe a geada  
e se encham de mel  
as amêndoas amargas.

*(em voz alta)*

Prepare o vinho!

*(em voz patética)*

Bela.

Bela da terra,  
olha como passa a água,

Como chega o cortejo  
recolhe as saias  
e sob a asa do noivo  
nunca saia de sua casa.  
Porque o noivo é um pombo  
com o peito todo em brasa  
e o campo espera o rumor  
do sangue derramado.  
Girava,  
girava a roda  
e a água passava.  
Como chega o cortejo  
deixe que brilhe a água!

- MÃE – (*entra*) Finalmente!
- PAI – Somos os primeiros?
- CRIADA – Não. Agora há pouco chegou o Leonardo com a mulher. Correram como demônios. A mulher chegou morta de medo. Vieram pelo caminho como se viessem a cavalo.
- PAI – Esse aí busca desgraça. Não tem bom sangue.
- MÃE – Que sangue pode ter? O da família inteira. Verte de bisavô que começou a matar e segue por toda a ralé ruim, useiros de facas e gente de sorriso falso.
- PAI – Deixa ele!
- CRIADA – Como deixa ele?
- MÃE – Me dói até a ponta das veias. Na testa de todos eles, eu só vejo a mão com que mataram o que era meu. Está me vendo bem? Não pareço louca? Pois estou louca por não ter gritado tudo o que meu peito necessita. Tenho em meu peito um grito sempre a postos para quem tenho de castigar e amortilhar. Mas os mortos vão embora e há que calar. Depois, as pessoas criticam. (*Tira o xale*)
- PAI – Hoje não é dia para você lembrar dessas coisas.
- MÃE – Quando surge o assunto, tenho de falar. E hoje mais que nunca. Porque hoje eu fico sozinha em casa.
- PAI – À espera de ficar acompanhada.

MÃE – Esse é o meu sonho: os netos.

*Sentam-se.*

PAI – Eu quero que tenham muitos. Esta terra precisa de braços que não sejam assalariados. Tem que batalhar contra as ervas daninhas, as urtigas, o pedrisco que surge do nada. E esses braços têm de ser dos donos, que castiguem e que dominem, que façam brotar as sementes. Precisa de muitos filhos.

MÃE – E alguma filha! Os varões são do vento! Precisam por força manejar armas. As meninas não saem nunca à rua.

PAI – (*alegre*) Acho que vão ter de tudo.

MÃE – Meu filho vai cobrir ela bem. É de boa semente. O pai dele podia ter tido muitos filhos comigo.

PAI – O que eu queria é que isso fosse coisa de um dia. Que em seguida tivessem dois ou três homens.

Mãe – Mas não é assim. Demora muito. Por isso é tão terrível ver o sangue da gente derramado no chão. Uma fonte que corre um minuto e que nos custou anos. Quando cheguei para ver meu filho, estava caído no meio da rua. Molhei as mãos e lambi com a língua. Por era meu. Você não sabe o que é isso. Numa redoma de cristal e topázios eu poria a terra empapada por ele.

PAI – Agora você tem que esperar. Minha filha tem quadril largo e seu filho é forte.

MÃE – Assim espero. (*levantam-se*)

PAI – Prepare as bandejas de trigo.

CRIADA – Já estão preparadas.

MULHER (de Leonardo) – (*entra*) Que seja para o bem!

MÃE == Obrigada

LEONARDO – Vai ter festa?

PAI – Pouca. Não se consegue entreter as pessoas.

CRIADA – Já estão aqui!

*Entram os convidados em grupo alegres. Entram os noivos de braços dados. Leonardo sai.*

NOIVO – Nunca se viu tanta gente num casamento.

NOIVA – (*sombria*) Nunca.

PAI – Luminoso.

MÃE – Vieram ramos inteiros de famílias.

NOIVO – Gente que não saía de casa.

MÃE – Seu pai semeou muito e agora é você quem colhe.

NOIVO – Tinha primos meus que eu nem conhecia mais.

MÃE – Todo o pessoal do litoral.

NOIVO – (*alegre*) Se espantavam com os cavalos.

MÃE – (*para a Noiva*) No que está pensando?

NOIVA – Não penso em nada.

MÃE – As bênçãos pesam muito. (*ouvem-se violões*)

NOIVA – Como chumbo.

MÃE – (*firme*) Mas não devem pesar. Você deve ser leve como uma pomba.

NOIVA – A senhora vai passar a noite aqui?

MÃE – Não. Minha casa está sozinha.

NOIVA – Devia ficar!

PAI – (*para a Mãe*) Olhe as danças que estão dançando. Danças de lá da beira do mar.

*Leonardo entra e se senta. A Mulher atrás dele em atitude rígida.*

MÃE – São os primos do meu marido. Duros como pedra para dançar.

PAI – Fico contente de ver isso. Que mudança para esta casa! (*sai*)

NOIVO – (*para a Noiva*) Gostou da grinalda de flor de laranjeira?

NOIVA – (*olha fixo para ele*) Gostei.

NOIVO – É toda de cera. Dura para sempre. Gostaria que tivesse no vestido inteiro.

NOIVA – Não precisa.

*Leonardo sai pela direita.*

MOÇA 1 – Vamos tirar seus alfinetes.

NOIVA – *(para o Noivo)* Já volto.

MULHER – Que seja feliz com minha prima!

NOIVO – Com certeza.

MULHER – Os dois aqui, sem sair nunca e a erguer a casa. Tomara eu pudesse também viver assim longe!

NOIVO – Por que não compram terras? O monte é barato e se cria os filhos melhor.

MULHER – Não temos dinheiro. E do jeito que vamos indo!

NOIVO – Seu marido é bom trabalhador.

MULHER – É, sim, nas gosta demais de voar. Ir de uma coisa para outra. Não é um homem tranquilo.

CRIADA – Não vão comer nada? Vou embrulhar umas roscas de vinho para sua mãe, que ela gosta muito.

NOIVO – Punha três dúzias.

MULHER – Não, não. Meia dúzia basta.

NOIVO – Aproveite, porque não é todo dia.

MULHER – *(para a Criada)* E o Leonardo?

CRIADA – Não vi.

NOIVO – Deve estar com o pessoal.

MULHER – Vou ver! *(sai)*

CRIADA – Que bonito que está aquilo.

NOIVO – Você não dança?

CRIADA – Não tem quem me tire.

*Passam duas moças ao fundo. Durante todo este ato, o fundo será um animado cruzar de figuras.*

NOIVO – *(alegre)* Isso é que não entender. As velhas recentes como você dançam melhor dos que as jovens.

CRIADA – Mas vai me fazer requebrar, menino? Que família a sua! Machos entre machos! Em menina, vi o casamento do seu avô. Que figura! Parecia um monte casando.

NOIVO – Eu não sou tão alto.

CRIADA – Mas tem o mesmo brilho nos olhos. E a menina?  
NOIVO – Foi tirar a grinalda.  
CRIADA – Ah! Olhe. Para a meia noite, como vocês não vão dormir, preparei presunto e um copos grandes de vinho antigo. Na prateleira de baixo da despensa. Se vocês precisarem.  
NOIVO – (*sorridente*) Eu não como à meia noite.  
CRIADA – (*maliciosa*) Se não você, a noiva. (*sai*)  
RAPAZ 1 – (*entra*) Você tem de beber com a gente!  
NOIVO – Estou esperando a Noiva  
RAPAZ 2 – Já vai ficar com ela de madrugada!  
RAPAZ 1 – Que é quando é mais gostoso!  
RAPAZ 2 – Um momento.  
NOIVO – Vamos.

*Saem. Ouve-se grande algazarra. Entra a Noiva. Do lado oposto, entram duas moças correndo para encontrá-la.*

MOÇA 1 – Para quem você deu o primeiro alfinete, para mim ou para ela?  
NOIVA – Não me lembro.  
MOÇA 1 – Para mim, você deu aqui.  
MOÇA 2 – Para mim, na frente do altar.  
NOIVA – (*inquieta, num grande conflito interior*) Não sei de nada.  
MOÇA 1 – É que eu queria que você...  
NOIVA – (*interrompe*) Não importa. Tenho muito o que pensar.  
MOÇA 2 – Desculpe.

*Leonardo atravessa o espaço, ao fundo.*

NOIVA – (*vê Leonardo*) E estes momentos são agitados.  
MOÇA 1 – Nós não sabemos de nada!  
NOIVA – Vão saber quando chegar a hora. Esses momentos são muito difíceis.  
MOÇA 1 – Focou chateada?  
NOIVA – Não. Vocês me desculpem.  
MOÇA 2 – De quê? Mas os dois alfinetes servem para casar, não é?

NOIVA – Os dois.  
MOÇA 1 – Agora, uma se casa antes da outra.  
NOIVA – Querem tanto assim?  
MOÇA 2 – *(envergonhada)* Quero.  
NOIVA – Para quê?  
MOÇA 2 – Pois... *(abraça a outra)*

*Saem as duas correndo. Chega o Noivo e, muito suave, abraça a Noiva por trás.*

NOIVA – *(muito assustada)* Sai!  
NOIVO – Assusta comigo?  
NOIVA – Ah! Era você?  
NOIVO – Quem podia ser? *(pausa)* Seu pai ou eu.  
NOIVA – É verdade!  
NOIVO – Só que seu pai ia abraçar mais fraco.  
NOIVA – *(sombria)* Claro!  
NOIVO – *(abraça-a com força, um pouco brusco)* Porque ele é velho.  
NOIVA – *(seca)* Me solte!  
  
NOIVO – Por quê? *(solta-a)*  
NOIVA – Porque... as pessoas. Podem nos ver.

*A Criada volta a atravessar ao fundo, sem olhar para os noivos.*

NOIVO – E daí? Já está consagrado.  
NOIVA – É, mas me deixe... Depois.  
NOIVO – O que você tem? Parece assustada!  
NOIVA – Não tenho nada. Não saia de perto de mim.

*Entra a Mulher de Leonardo.*

MULHER – Não quero interromper.  
NOIVO – Diga.  
MULHER – Meu marido passou por aqui?

NOIVO – Não.

MULHER – Não consigo encontrar e o cavalo também não está no estábulo.

NOIVO – (*alegre*) Deve estar dando uma corrida.

*A Mulher sai inquieta. Entra a Criada.*

NOIVO – Já estou querendo que isto acabe, A noiva está um pouco cansada.

CRIADA – Que é isso, menina?

NOIVA – Parece que levei uma pancada na cabeça!

CRIADA – Uma noiva destes montes tem de ser forte. (*para o Noivo*) Só você pode curar ela, porque é sua.

*Sai correndo.*

NOIVO – (*abraça a Noiva*) Vamos dançar um pouco. (*dá-lhe um beijo*)

NOIVA – (*angustada*) Não. Queria deitar um pouco.

NOIVO – Eu te faço companhia.

NOIVA – Nunca! Com toda essa gente aqui? O que iam dizer? Deixe eu descansar um momento.

NOIVO – Como quiser! Mas não fique assim a noite inteira!

NOIVA – (*na porta*) Mais tarde vou estar melhor.

NOIVO – É isso que eu quero!

*Entra a Mãe.*

MÃE – Filho.

NOIVO – Onde a senhora estava?

MÃE – No meio desse barulho todo. Está contente?

NOIVO – Estou.

MÃE – E sua mulher?

NOIVO – Foi descansar um pouco. Dia ruim para as noivas!

MÃE – Dia ruim? É o único bom. Para mim foi como ganhar uma herança. (*Entra a Criada e vai para o quarto da Noiva*) É a fusão das terras, a plantação de árvores novas.

NOIVO – A senhora já vai?  
MÃE – Vou. Tenho que estar na minha casa.  
NOIVO – Sozinha.  
MÃE – Sozinha não. Estou com a cabeça cheia de coisas, de homens e de lutas.  
NOIVO – Mas lutas que não são mais lutas.

*A Criada entra rapidamente e desaparece correndo pelo fundo.*

MÃE – Enquanto se vive, se luta.  
NOIVO – Eu sempre obedeco a senhora!  
MÃE – Procure ser carinhoso com sua mulher e se ela estiver mal humorada ou arisca, faça um carinho que machuque um pouco, um abraço forte, um mordisco e depois um beijo suave. Aprendi isso com seu pai. E como você não tem pai, tenho de te ensinar eu essas fortalezas.  
NOIVO – Vou fazer sempre o que a senhora mandar.  
PAI – *(entra)* E minha filha?  
NOIVO – Está lá dentro. [*o Pai sai*]  
MOÇA 1 – Que venham os noivos. Vamos dançar a roda!  
RAPAZ 1 – *(para o Noivo)* Você que vai comandar.  
PAI – *(entra de novo)* Aqui ela não está!  
NOIVO – Não?  
PAI – Deve ter subido para a varanda.  
NOIVO – Vou ver! *(sai)*

*Ouve-se uma algazarra e violões.*

MOÇA 1 – Já começaram! *(entra)*  
NOIVO – *(entra)* Não está.  
MÃE – *(inquieta)* Não?  
PAI – E aonde pode ter ido?  
CRIADA – *(entra)* E a menina, onde está?  
MÃE – *(séria)* Não sabemos.

*O Noivo sai, entram três convidados.*

PAI – (*dramático*) Mas não está dançando?

CRIADA – Dançando não está.

PAI – (*num arroubo*) Tem muita gente. Vá olhar!

CRIADA – Já olhei!

PAI – (*trágico*) Mas onde está?

NOIVO – Nada. Em nenhum lugar.

MÃE – (*para o Pai*) O que é isso? Onde está sua filha?

*Entra a Mulher de Leonardo.*

MULHER – Fugiram! Fugiram! Ela e Leonardo. No cavalo. Abraçados, correndo como um raio!

PAI – Não é verdade! Minha filha. não!

MÃE – Sua filha, sim! Planta de semente ruim e ele, ele também! Mas já é a mulher do meu filho!

NOIVO – (*entra*) Vamos atrás! Quem tem um cavalo?

MÃE – Quem tem um cavalo, imediatamente, quem tem um cavalo? que eu dou tudo o que tenho, meus olhos e até minha língua...

VOZ – Aqui tem um.

MÃE – (*para o filho*) Anda! Atrás dela! (*saem com dois rapazes*) Não. Não vá. Essa gente logo mata e bem... mas, sim, corra, e eu vou atrás!

PAI – Não pode ser ela. Quem sabe se atirou na cisterna.

MÃE – Quem se atira na água são as honradas, as limpas, essa, não! Mas já é mulher do meu filho. Dois bandos. Aqui já tem dois bandos. (*entram todos*) Minha família e a sua. Saiam todos daqui. Limpar o pó dos sapatos. Vamos ajudar o meu filho. (*As pessoas se separam em dois grupos*) Porque tem gente dele, seus primos do mar e todos os que chegam de terra adentro. Fora daqui! Por todos os caminhos. Chegou de novo a hora do sangue. Dois bandos. Você com o seu e eu com o meu. Atrás deles! Atrás!

*Cortina*

FIM DO SEGUNDO ATO

## TERCEIRO ATO

### PRIMEIRO QUADRO

*Bosque. É noite. Grandes troncos úmidos. Ambiente escuro. Ouvem-se violinos.  
Entram três Lenhadores.*

LENHADOR 1 – Encontraram?

LENHADOR 2 – Não. Mas estão procurando por todo lado.

LENHADOR 3 – Já já encontram.

LENHADOR 2 – Shhh!

LENHADOR 3 – O quê?

LENHADOR 2 – Parece que estão chegando por todos os caminhos de uma vez.

LENHADOR 1 – Quando sair a lua a gente vê.

LENHADOR 2 – Deviam deixar os dois.

LENHADOR 1 – O mundo é grande. Tem lugar para todos.

LENHADOR 3 – Mas vão matar os dois.

LENHADOR 2 – Tem de seguir o coração: fizeram bem de fugir.

LENHADOR 1 – Estavam se engando um ao outro e afinal o sangue falou mais forte.

LENHADOR 3 – O sangue!

LENHADOR 1 – Tem que seguir o caminho do sangue.

LENHADOR 2 – Mas o sangue que vê a luz a terra bebe.

LENHADOR 1 – E daí? Mais vale morrer sem sangue que viver com o sangue apodrecido.

LENHADOR 3 – Quietos.

LENHADOR 1 – O quê? Está ouvindo alguma coisa?

LENHADOR 3 – Estou ouvindo os grilos, os sapos, a espreita da noite.

LENHADOR 1 – Mas o cavalo não se escuta.

LENHADOR 3 – Não.

LENHADOR 1 – Agora ele deve estar querendo ela.

LENHADOR 2 – O corpo dela era para ele e o corpo dele para ela.

LENHADOR 3 – Vão encontrar os dois e matar.

LENHADOR 1 – Mas já vão ter misturado seus sangues e vão ser como dois cântaros vazios, como dois riachos secos.

LENHADOR 2 – Tem muitas nuvens e era mais fácil a lua não sair.

LENHADOR 3 – O noivo encontra os dois com lua ou sem lua. Eu vi ele sair. Como uma estrela furiosa. A cara cor de cinza. A expressão do destino da casta dele.

LENHADOR 1 – Casta dos mortos no meio da rua.

LENHADOR 2 – É verdade!

LENHADOR 3 – Acha que eles vão conseguir romper o cerco?

LENHADOR 2 – É difícil. Tem facas e escopetas umas dez léguas em torno.

LENHADOR 3 – Ele tem um cavalo bom.

LENHADOR 2 – Mas está com uma mulher.

LENHADOR 1 – Já estamos perto.

LENHADOR 2 – Uma árvore de quarenta galhos. Logo vamos cortar.

LENHADOR 3 – Agora vai sair a lua. Vamos apressar.

*À esquerda, surge uma claridade.*

LENHADOR 1 – Ai, lua que nasce!

Lua das folhas grandes.

LENHADOR 2 – Cheia de jasmims de sangue!

LENHADOR 1 – Ai, lua solitária!

Lua de verdes folhas!

LENHADOR 2 – Prata no rosto da noiva.

LENHADOR 3 – Ai, lua ruim!

Deixa para o amor a rama escura.

LENHADOR 1 – Ai, lua triste!

Deixa para o amor a rama escura!

*Saem. Da claridade à esquerda, aparece a Lua. A Lua é um lenhador jovem com a cara branca. A cena adquire um vivo resplendor azul.*

LUA –               Cisne redondo no rio,  
                          olho das catedrais,  
                          alba fingida nas folhas  
                          sou; não poderão escapar!

Quem se esconde? Quem chora  
nas ervas daninhas do vale?  
A lua deixa uma faca  
abandonada no ar,  
que sendo tocaia de chumbo  
quer ser dor de sangue.  
Me deixe entrar! Venho gelada  
através de paredes e vidraças!  
Abram telhados e peitos  
onde eu possa me aquecer!  
Tenho frio! minhas cinzas  
de sonolentos metais,  
buscam a crista de fogo  
pelas montanhas, pelas ruas.  
Mas a neve me leva  
em suas costas de jaspe,  
e a água das lagoas  
me inunda, dura e fria.  
Pois esta noite terão  
minhas faces cor de sangue,  
e os juncos agrupados  
nos largos pés do ar.  
Não haja sombra nem emboscada,  
de que não possam fugir!  
Eu quero entrar em um peito  
para poder me aquecer!  
Um coração para mim!  
Quente! Que se derrame  
pelos montes de meu peito;  
me deixe entrar, aí, me deixe entrar!  
*(para os ramos)*  
Não quero sombras. Meus raios  
hão de entrar por toda parte,  
e que haja nos troncos escuros

um rumor de claridades.  
para que esta noite tenha  
o meu rosto sangue doce,  
e os juncos agrupados  
nos largos pés do ar.  
Quem se esconde? Apareça, eu digo!  
Não! Não poderão escapar!  
E farei o cavalo luzir  
uma febre de diamante.

*Desaparece entre os troncos e a cena volta à sua luz escura. Entre uma anciã totalmente coberta com tênues panos verde escuro. Tem os pés descalços. Se vê apenas seu rosto entre as dobras. Este personagem não figura na lista do elenco.*

MENDIGA –       Essa lua se vai e eles se aproximam.  
Daqui não passam. O rumor do rio  
e o rumor dos troncos apagarão  
o voo desgarrado dos gritos.  
Aqui há de ser, e logo. Estou cansada.  
Abrem os cofres e os brancos fios  
aguardam no chão da alcova  
corpos pesados com o pescoço ferido.  
Não se desperte um pássaro e a brisa,  
recolhendo em sua saia os gemidos,  
fuja com eles pelas negras copas  
ou os enterre no brando limo.  
(*impaciente*)  
Essa lua, essa lua!

*Entra a Lua. Volta a luz azul intensa.*

LUA –               Já se aproximam. Uns pelo vale, outros pelo rio. Vou iluminar as pedras. Do que você precisa?

MENDIGA –       De nada.

LUA – O ar vem chegando duro, com dois gumes.  
MENDIGA – Ilumina o jaleco e solta os botões que depois as navalhas já sabem o caminho.  
LUA – Mas que demorem muito para morrer.  
Que o sangue  
me ponha entre os dedos seu silvo delicado.  
Olha que vales de cinza já despertam  
na ânsia dessa fonte que jorra estremecida!  
MENDIGA – Não deixemos que passem o riacho. Silêncio!  
LUA – Estão chegando!

*Sai. A cena fica escura.*

MENDIGA – Depressa. Muita luz! Está me ouvindo? Não podem escapar!

*Entram o Noivo e o Rapaz 1. A Mendiga se senta e cobre-se com o manto.*

NOIVO – Por aqui.  
RAPAZ 1 – Você não vai encontrar.  
NOIVO – (*enérgico*) Encontro, sim!  
RAPAZ 1 – Acho que foram por outro caminho.  
NOIVO – Não. Faz um minuto eu ouvi o galope.  
RAPAZ 1 – Devia ser outro cavalo.  
NOIVO – (*dramático*) Olhe. Só existe um cavalo no mundo e é esse. Entendeu? Se vai comigo, vá sem falar nada.  
RAPAZ 1 – É que eu queria...  
NOIVO – Calado. Tenho certeza que vamos encontrar os dois aqui. Está vendo este braço? Pois não é o meu braço. É o braço do meu irmão e do meu pai e de toda a família que está morta. E tem tamanho poderio que pode arrancar uma árvore pela raiz se quiser. E vamos logo que sinto os dentes de todos os meus cravados aqui de um jeito que para mim fica quase impossível respirar tranquilo.  
MENDIGA – (*queixa-se*) Ai!  
RAPAZ 1 – Ouviu?

NOIVO – Vá por ali e dê a volta.  
RAPAZ 1 – Isto é uma caçada.  
NOIVO – Uma caçada. A maior que se pode fazer.

*Sai o Rapaz 1. O Noivo dirige-se rapidamente à esquerda e topa com a Mendiga, a Morte.*

MENDIGA – Ai!  
NOIVO – O que você quer?  
MENDIGA – Estou com frio.  
NOIVO – Está indo para onde?  
MENDIGA – *(sempre queixosa como uma mendiga)* Lá longe...  
NOIVO – Veio de onde?  
MENDIGA – Dali... de muito longe.  
NOIVO – Viu um homem e uma mulher correndo montados num cavalo?  
MENDIGA – *(desperta)* Espere... *(olha para ele)* Bonito varão. *(levanta-se)* Mas muito mais bonito se estivesse dormindo.  
NOIVO – Diga. Responda. Viu os dois?  
MENDIGA – Espere... Que costas mais largas! Por que não gosta ficar deitado sobre elas em vez de andar sobre as solas dos pés que são tão pequenas?  
NOIVO – *(sacode-a)* Perguntei se viu os dois! Passaram por aqui?  
MENDIGA – *(enérgica)* Não passaram, mas estão saindo da colina. Não está ouvindo?  
NOIVO – Não.  
MENDIGA – Você não sabe o caminho?  
NOIVO – Seja como for, eu vou!  
MENDIGA – Te acompanho. Eu conheço esta terra.  
NOIVO – *(impaciente)* Então vamos! Por onde?  
MENDIGA – *(dramática)* Por ali!

*Saem depressa. Ouvem-se, distantes, dois violinos que expressam o bosque. Voltam os Lenhadores. Levam achas de lenha sobre os ombros. Passam lentos entre os troncos.*

LENHADOR 1 – Ai, morte que chega!

Morte das folhas grandes,  
LENHADOR 2 – Não abra o jorro do sangue!  
LENHADOR 1 – Ai, morte solitária!  
Morte de secas folhas.  
LENHADOR 3 – Não cubra de flores as bodas!  
LENHADOR 2 – Ai, triste morte!  
Deixe para o amor a verde rama.  
LENHADOR 1 – Ai, morte má!  
Deixe para o amor a verde rama.

*Vão saindo enquanto falam. Entram Leonardo e a Noiva.*

LEONARDO – Quieta!  
NOIVA – Daqui eu vou sozinha. Vá! Quero que você volte.  
LEONARDO – Quieta, eu disse!  
NOIVA – Com os dentes, com as mãos, como puder,  
tire do meu pescoço honrado  
o metal dessa corrente  
e me deixe isolada lá  
em minha casa de terra.  
E se não quer me matar  
como uma víbora pequena,  
ponha em minha mão de noiva  
o cano da escopeta.  
Ai, que lamento, que fogo  
me sobe pela cabeça!  
Cacos se cravam em minha língua!  
LEONARDO – Já demos o passo; calada!,  
porque nos perseguem de perto  
e hei de te levar comigo.  
NOIVA – Mas há de ser à força!  
LEONARDO – À força? Quem baixou  
primeiro a escada?  
NOIVA – Fui eu que baixei.

LEONARDO – Que colocou  
no cavalo rédeas novas?

NOIVA – Eu mesma. Verdade.

LEONARDO – E que mãos  
me calçaram as esporas?

NOIVA – Estas mãos, que são suas,  
mas que ao te ver quiseram  
quebrar os ramos azuis  
e o murmúrio de suas veias.  
Te amo! Te amo! Saia!  
Que se pudesse te matar  
Vestia em você uma mortalha  
com os fios de violetas.  
Ai, que lamento, que fogo  
me sobe pela cabeça!

LEONARDO – Que cacos se cravam em minha língua.  
Porque eu quis esquecer  
e pus um muro de pedra  
entre sua casa e a minha.  
É verdade. Não se lembra?  
E quando te vi de longe  
joguei areia em meus olhos.  
Mas montava a cavalo  
e o cavalo ia à sua porta.  
Com alfinetes de prata  
o meu sangue se pôs negro  
e meu sono foi se enchendo  
de carnes de erva daminha.  
Porque a culpa não é minha,  
a culpa é da terra  
e desse aroma que sobe  
de teus peitos e tuas tranças.

NOIVA – Ai, que absurdo. Não quero contigo  
nem cama nem comida

e não há um momento do dia  
que não queira estar contigo,  
porque você me arrasta e eu vou,  
e me diz para voltar atrás  
e eu te sigo pelo ar.  
como uma folha de grama  
Abandonei um homem duro  
e toda sua descendência  
na metade das bodas  
e com a grinalda na cabeça.  
Para você será o castigo  
e eu não quero que seja.  
Me deixe sozinha! Fuja você!  
Ninguém vai te defender.

LEONARDO –

Pássaros da manhã  
pelas árvores se agitam.  
A noite está morrendo  
no fio da pedra.  
Vamos ao rincão escuro,  
onde eu sempre te ame,  
porque não importa ninguém,  
nem o veneno que nos lançam.

*(Abraça-a com força)*

NOIVA –

E eu dormirei a seus pés  
para guardar o seu sonho.  
Nua, olhando o campo.  
*(dramática)*  
como uma cadela,  
porque é isso que sou! Te vejo  
e tua beleza me queima.

LEONARDO –

Se abrasa lume com lume.  
A mesma chama pequena  
mata duas espigas juntas.  
Vamos!

*(arrasta-a)*

NOIVA– Aonde me leva?

LEONARDO – Aonde não possam ir  
esses homens que nos cercam.  
Onde eu possa olhar para você!

NOIVA – *(sarcástica)* Me leva de feira em feira,  
dor de mulher honrada,  
para que todos me vejam  
com os lençóis das bodas  
ao vento, como bandeiras.

LEONARDO – Também eu quero te deixar  
se penso como se pensa.  
Mas vou aonde você for.  
Você também. Dê um passo. Prove.  
Os pregos da lua nos fundem  
minha cintura e seu quadril.

*Toda a cena é violenta, cheia de grande sensualidade.*

NOIVA – Ouviu?

LEONARDO – Vem gente.

NOIVA – Fuja!  
É justo que eu morra aqui  
com os pés dentro da água,  
e espinhos na cabeça.  
E que me chorem as folhas,  
mulher perdida e donzela.

LEONARDO – Quieta. Já estão vindo.

NOIVA – Vá embora!

LEONARDO – Silêncio. Que não nos ouçam.  
Você na frente. Vamos, eu disse!  
*(A Noiva vacila)*

NOIVA – Nós dois juntos!

LEONARDO – *(abraça-a)* Como quiser!

Se nos separarem  
é porque estou morto.  
NOIVA – E eu morta.

*Saem abraçados.*

*Aparece a Lua, muito lentamente. A cena adquire uma forte luz azul. Ouvem-se os dois violinos. Bruscamente, ouvem-se grandes gritos lancinantes e interrompe-se a música dos violinos. Ao segundo grito, entra a Mendiga e fica de costas. Abre o manto e põe-se no centro como um grande pássaro de asas imensas. A Lua se detém. A cortina se fecha em meio a um silêncio absoluto.*

*Cortina.*

ÚLTIMO QUADRO

*Sala branca com arcos e paredes grossas. À direita e à esquerda, escadas brancas. Grande arco ao fundo e parede da mesma cor. O chão também será branco reluzente. Esta sala simples, dará uma sensação monumental de igreja. Não haverá nenhum cinza, nenhuma sombra, nem mesmo o necessário para a perspectiva. Duas Moças vestidas de azul escuro, enrolam uma meada vermelha.*

MOÇA 1 – Meada, meada,  
o que quer fazer?  
MOÇA 2 – Jasmim de vestido,  
cristal de papel.  
Nascer às quatro,  
morrer às dez.  
Ser fio de lã,  
corrente a teus pés  
e nó que aperte  
amargo laurel.

MENINA – *(canta)* Você foi ao casamento?

MOÇA 1 – Não.

MENINA – Eu também não!

O que terá acontecido  
entre os caules das vinhas?  
O que terá acontecido  
junto ao ramo de oliveira?  
O que aconteceu  
que ninguém voltou?  
Você foi ao casamento?

MOÇA 2 – Já dissemos que não.

MENINA – (*saindo*) Eu também não!

MOÇA 2 – Meada, meada.  
o que quer cantar?

MOÇA 1 – Feridas de cera,  
dor de murta.  
Dormir de manhã,  
de noite velar.

MENINA – (*na porta*) O fio tropeça  
com o pedernal.  
Os montes azuis  
o deixam passar.  
Corre, corre, corre,  
e ao fim chegará  
a pôr a faca  
e tirar o pão.  
(*sai*)

MOÇA 2 – Meada, meada,  
o que quer dizer?

MOÇA 1 – Amante sem fala.  
Noivo carmesim.  
Pela margem muda  
os dois caídos eu vi.  
(*detém-se e olha a meada*)

MENINA – (*aparece na porta*) Corre, corre, corre,  
o fio até aqui.  
Cobertos de barro

chegando posso ouvir.

Corpos estirados,

panos de marfim!

(*sai*)

*Entram a Mulher e a Sogra de Leonardo. Chegam angustiadas.*

MOÇA 1 – Já estão vindo?

SOGRA – Não sabemos.

MOÇA 2 – O que você conta das bodas?

MOÇA 1 – Conte.

SOGRA – (*seca*) Nada.

MULHER – Quero voltar para saber de tudo

SOGRA – (*enérgica*) Você em sua casa.

Valente e só em sua casa.

A envelhecer e chorar.

Mas a porta fechada.

Nunca. Nem morto nem vivo.

Taparemos as janelas.

E venham chuvas e noites

sobre as ervas amargas.

MULHER – O que será que aconteceu:

SOGRA – Não importa.

Ponha um véu no rosto.

Seus filhos são filhos seus

mais nada. Sobre a cama

ponha uma cruz de cinza

onde esteve seu travesseiro.

(*Saem*)

MENDIGA – Um pedaço de pão, meninas.

MENINA – Vá embora!

*As moças se agrupam.*

MENDIGA – Por quê?

MENINA – Porque você geme. Vá embora.

MENDIGA – Eu podia pedir seus olhos! Uma nuvem de pássaros me segue. Você quer um?

MENINA – Eu quero ir embora!

MOÇA 2 – *(para a Mendiga)* Não faça conta!

MOÇA 1 – Você veio pelo caminho do riacho?

MENDIGA – Vim por lá!

MOÇA 1 – *(tímida)* Posso perguntar?

MENDIGA – Eu vi os dois; logo vão chegar; duas torrentes, quietos por fim entre as pedras grandes, dois homens nas patas do cavalo. Mortos na formosura da noite.  
*(com prazer)*  
Mortos, sim, mortos.

MOÇA 1 – Calada, velha, calada!

MENDIGA – Flores rotas os olhos. E os dentes dois punhados de neve endurecida. Os dois caíram e a noiva volta tingidas de sangue a saia e a cabeleira. Cobertos com duas mantas, eles vêm nos ombros dos moços altos. Assim foi; mais nada. Era o certo. Sobre a flor de ouro, suja areia.  
*(sai. As Moças inclinam as cabeças e saem ritmadamente.)*

MOÇA 1 – Suja areia.

MOÇA 2 – Sobre a flor de ouro.

MENINA – Sobre a flor de ouro trazem os mortos do riacho. Moreno um, moreno o outro. Que rouxinol de sombra voa e geme sobre a flor de ouro!

*Sai. A cena fica vazia. Entra a Mãe com uma Vizinha. A Vizinha vem chorando.*

MÃE – Quieta.

VIZINHA – Não consigo.

MÃE – Quieta, eu disse. *(na porta)* Não tem ninguém aqui? *(leva as mãos à testa)* Meu filho devia me responder. Mas meu filho já é uma braçada de flores secas. Meu filho é uma voz escura atrás dos montes. *(com raiva, para a Vizinha)* Que ficar quieta? Não quero choro nesta casa. Suas lágrimas são lágrimas dos olhos, mais nada, e as minhas virão quando eu estiver sozinha, das solas de meus pés, das minhas raízes e serão mais ardentes que o sangue.

VIZINHA – Venha para a minha casa, não fique aqui.

MÃE – Aqui, aqui eu quero estar. E tranquila. Já estão todos mortos. À meia noite eu dormirei, dormirei sem que me assustem a escopeta ou a faca. Outras mães vão sair à janela, fustigadas pela chuva, para ver o rosto de seus filhos. Eu não. Eu farei com meu sono uma fria pomba de marfim que leve camélias de geada ao cemitério. Mas não; o cemitério não: o leito de terra, cama que abriga, que embala ao céu. *(Entra uma mulher de preto e vai se ajoelhar à direita. Mãe para a Vizinha)* Tire as mãos do rosto. Haveremos de passar dias terríveis. Não quero ver ninguém. A Terra e eu. Meu pranto e eu. E estas quatro paredes. Ai! Ai! *(senta-se, arrasada)*.

VIZINHA – Tenha caridade com você mesma.

MÃE – *(joga o cabelo para trás)* Porque vão vir as vizinhas e não quero que me vejam tão pobre. Tão pobre! Uma mulher que não tem sequer um filho que possa levar aos lábios.

*Entra a Noiva. Sem grinalda e com um xale negro.*

VIZINHA – *(vê a Noiva, com raiva)* Onde vai?

NOIVA – Vim aqui.

MÃE – *(para a Vizinha)* Quem é?

VIZINHA – Não reconhece?

MÃE – Por isso pergunto quem é. Porque tenho de não reconhecer para não cravar os dentes em seu pescoço. Víbora! (*dirige-se à Noiva com um gesto fulminante se detém. Para a Vizinha*) Está vendo? Está aqui, está chorando, e eu quieta sem arrancar seus olhos. Não me entendo. Será que eu não amava meu filho? Mas e sua honra? Onde está sua honra? (*bate na Noiva, que cai no chão*)

VIZINHA – Pelo amor de Deus! (*tenta separá-las*)

NOIVA – (*para a Vizinha*) Deixe. Vim aqui para que ela me mate e que me levem com eles. (*para a Mãe*) Mas não com as mãos; com ganchos de arame, com uma foice e com força até que arrebentem em meus ossos. Deixe! Porque quero que saiba que estou limpa, que posso estar louca, mas que podem me enterrar sem que nenhum homem tenha olhado para a brancura dos meus peitos.

MÃE – Quieta, quieta. Que me importa isso?

NOIVA – Porque eu fugi com o outro, fugi! (*com angústia*) Você também teria fugido. Eu era uma mulher queimada, cheia de chagas por dentro e por fora, e seu filho era um pouquinho de água da qual eu esperava filhos, terra, saúde. Mas o outro era um rio escuro, cheio de ramos, que me trazia o rumor dos juncos e seu cantar entredentes. E eu corria com seu filho que era como um menininho de água fria e o outro me mandava centenas de pássaros que me impediam de andar e que deixavam gelo sobre as minhas feridas de pobre mulher murcha, de moça acariciada pelo fogo. Eu não queria, escute bem!, não queria. Seu filho era o meu fim e ele eu não enganei, mas o braço do outro me arrastou como uma onda do mar, como a cabeçada de um mulo e me arrastaria sempre, sempre, sempre, mesmo que eu fosse velha e todos os filhos do seu filho me tivessem agarrado pelo cabelo!

*Entra uma Vizinha.*

MÃE – Ela não tem culpa. Nem eu! (*sarcástica*) Quem é que tem então? Fraca, delicada, mulher de mau dormir é que tira uma grinalda de flor de laranjeira para buscar um pedaço de cama quente de outra mulher!

NOIVA –            Quieta, quieta! Vingue-se de mim. Estou aqui! Olhe que meu pescoço é delicado, vai te custar menos trabalho que plantar uma dália no seu jardim. Mas isso não! Honrada como uma menina recém nascida. E forte para provar isso. Acenda o fogo. Vamos pôr as mãos; você por seu filho, eu por meu corpo. Vai tirar as suas antes.

*Entra outra Vizinha.*

MÃE –             Mas que me importa a sua honra? Que me importa a sua morte? Que me importa nada de nada? Benditos sejam os trigos, porque meus filhos estão debaixo deles, bendita seja a chuva porque molha a cara dos mortos. Bendito seja Deus que nos deita juntos para descansar.

*Entra outra Vizinha.*

NOIVA –            Me deixe chorar com você.

MÃE –             Chora. Mas na porta.

*Entra a Menina. A Noiva fica na porta. A Mãe no centro do palco.*

MULHER – (*entra e vai para a esquerda*) Era um formoso ginete

e agora um monte de neve.

Correu por feiras e montes

e braços de mulheres.

Agora, musgo da noite

coroa a sua testa.

MÃE –             Girassol de sua mãe,

espelho da terra.

Que te ponham no peito

cruz de ervas amargas;

lençol que te cubra

de seda reluzente,

e a água forme um pranto

entra as tuas mãos quietas.

MULHER – Ai, que quatro rapazes  
chegam com ombros cansados!

NOIVA – Ai, que quatro galantes  
trazem a morte no ar!

MÃE – Vizinhas.

MENINA – (*na porta*) Já trazem.

MÃE – Tanto faz.  
A cruz, a cruz.

MULHERES – Doces cravos,  
doce cruz,  
doce nome  
de Jesus.

NOIVA – Que a cruz ampare mortos e vivos.

MÃE – Vizinhas: com uma faca,  
com uma faquinha,  
em dia marcado, entre as duas e as três,  
mataram-se os dois homens do amor.  
Com uma faca,  
com uma faquinha  
que apenas cabe na mão,  
mas que penetra fina  
pelas carnes assombradas  
e que se detém no ponto  
onde treme emaranhada  
a escura raiz do grito.  
E isso é uma faca,  
uma faquinha  
que apenas cabe na mão;  
peixe sem escamas nem rio,  
para que num dia marcado, entre as duas e as três,  
com essa faca  
tombem dois homens duros  
com os lábios amarelos.  
E apenas cabe na mão,

mas que penetra fria  
pelas carnes assombradas  
e ali se detém, no ponto  
em que treme emaranhada  
a escura raiz do grito.

*A Vizinhas, ajoelhadas, choram.*

*Cortina*

FIM DO DRAMA